

Arthur Valle
Camila Dazzi
Isabel Sanson Portella
Rosangela de Jesus Silva

Oitocentos

Tomo IV

O Ateliê do Artista

Rio de Janeiro
CEFET/RJ
2017

Realização da Publicação

CEFET/RJ
UFRRJ
UNILA
Museu da República/RJ

Organização

Arthur Valle
Camila Dazzi
Isabel Sanson Portella
Rosangela de Jesus Silva

Projeto Gráfico e Editoração

Luiz Henrique Pereira Peixoto

Imagem da Capa

“Ant. Parreiras e seus modelos no atelier em Paris”.
Fotografia pertencente ao álbum de Moysés Nogueira da Silva, Álbum de fotografias de artistas brasileiros e estrangeiros. Acervo da Fundação Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro

Editoras

CEFET/RJ
DezenoveVinte

Correio eletrônico

dezenovevinte@yahoo.com.br

Meio eletrônico

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no IV Colóquio de Estudos sobre a Arte Brasileira do Século XIX. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

700 Oitocentos - Tomo IV: O Ateliê do Artista. Edição / Arthur Valle, Camila Dazzi,
039 Isabel Sanson Portella, Rosangela de Jesus Silva (organizadores).– Rio de Janeiro:
CEFET/RJ, 2017. II.
346 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7068-012-9

1. Arte. 2. Arte – Brasil. 3. Arte – Ateliê. 4. Arte – História. I. Valle, Arthur. II.
Dazzi, Camila. III. Portella, Isabel Sanson. IV. Silva, Rosangela de Jesus. V. Título.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7068-012-9





“Sutis dimensões de um Ateliê Paulistano”: as narrativas e representações de Christiano Stockler das Neves sobre o trabalho de um arquiteto

Fernando Atique¹

A historiografia da Arquitetura tem se atido pouco ao espaço de formação dos arquitetos. Embora até seja possível encontrar estudos sobre escolas, sobre professores e sobre profissionais que relatam seus tempos como estudantes, a verdade é que o espaço formativo, quer em sua concepção teórica, quer mesmo em sua dimensão física, não aparece como uma reflexão privilegiada dentre nossos autores. Esta minha constatação é ainda maior se formos abordar os arquitetos que se formaram e trabalharam durante os anos finais dos Oitocentos e as primeiras décadas do século XX. Este período, perversa e redutoramente chamado de “ecletismo”, foi obliterado em nossa reflexão histórica, e relegou a planos secundários o estudo e a compreensão de conflitos, técnicas, procedimentos e atores sociais típicos da Modernidade.

Desta maneira, este breve estudo, calcado na biografia do arquiteto Christiano Stockler das Neves procura alinhar pistas, rastros, índices, como preconizados pelo historiador Carlo Ginzburg, em seu paradigma indiciário, de maneira a auxiliar na compreensão daquilo que ainda está num plano que denominei de “sutis dimensões do trabalho do arquiteto” em São Paulo.

Enfocando algumas dessas dimensões em Christiano Stockler das Neves, que perpassam seus anos de formação, sua prática arquitetônica na prancheta e no ensino, procuro construir um mosaico que será pautado – sempre que possível – pelo espaço

¹ Fernando Atique, Professor Adjunto III de História, Espaço e Patrimônio Edificado do Departamento de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos, SP, Brasil.

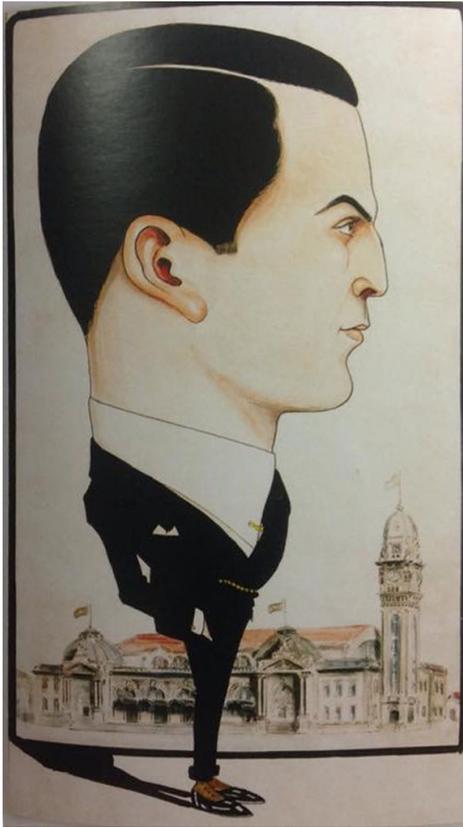


Figura 1 - Autor não identificado, *Caricatura de Christiano Stokler das Neves*, 1933. Técnica mista (aquarela e nanquim). Fonte: NEVES NETO, Christiano Stokler das. **O Arquiteto Concreto**. São Paulo: Dialeto, 2008, p. 22.

Figura 2 - Autor não identificado, *Caricatura de Samuel Augusto das Neves*, 1933. Técnica mista (aquarela e nanquim). Fonte: NEVES NETO, Christiano Stokler das. **O Arquiteto Concreto**. São Paulo: Dialeto, 2008, p.22.

do ateliê. Procuo entender, desse modo “o que faz de um arquiteto, um arquiteto”. Esta preocupação, central, para Stockler das Neves, abre sendas curiosas para o estudo das representações sobre este profissional. [Figura 1].

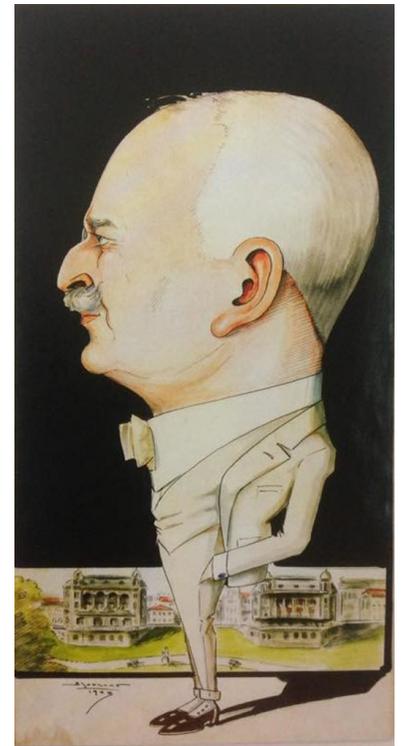
Principio, então, apresentando-o. Christiano Stockler das Neves nasceu em Casa Branca, interior de São Paulo, em 1889. Ele era filho do engenheiro agrônomo Samuel das Neves, formado em Agronomia pela Imperial Escola Agrícola da Bahia, de São Bento das Lages, em 1882. Este engenheiro iniciou a carreira profissional na construção de estradas de ferro, naquele estado, e no projeto de engenhos de açúcar para uma empresa de nome *Bahia Sugar Factories*. Após este período, saiu trabalhando como agrimensor, a partir do norte de Minas até penetrar terras paulistas, em meados da década de 1880 [Figura 2].

Foi por causa desses serviços que Christiano das Neves nasceu em Casa Branca, cidade onde seu pai havia se fixado a serviço. A mãe de Christiano, Elisa Augusta Stockler das Neves, com quem seu pai havia casado anos antes pertencia à família mineira da região de Passos.

A peregrinação profissional de Samuel das Neves, já casado e pai de família, trouxe-o à capital paulista. Ali, na década de 1890 abriu

uma firma especializada em projetos de demarcação de terras, mas também em construções, muitas delas, em concreto armado. Pouco a pouco, Neves começou a riscar projetos para a alta burguesia paulista valendo-se de profissionais estrangeiros, recém-chegados à capital.²

Nos primeiros anos do século XX, o maior concorrente do escritório de Samuel das Neves era o Escritório Técnico Francisco de Paula Ramos de Azevedo que, ao contrário do de Neves, que não possuía em seus quadros nenhum arquiteto fixo, era repleto de profissionais diplomados na Europa e nos Estados Unidos.³ Embora a profissão de arquiteto e de engenheiro ainda não fossem regulamentadas, naquela época, no Brasil, o que garantia a Samuel das Neves o direito de projetar arquitetura, a concorrência era ferrenha, e os profissionais empregados por Ramos de Azevedo, muitas vezes, roubavam a cena e os projetos de Samuel das Neves, que se via, então, forçado a desenvolver detalhamentos e construir para



2 PEREIRA, Gustavo. **Christiano Stockler das Neves e a formação do curso de arquitetura no Mackenzie College: um estudo sobre as École de Beaux-Arts e as Fine Arts Schools norte-americanas**. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (orientação: Candido Malta Campos Neto), 2005, p. 239.

3 LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo: Pini / Lix da Cunha, 1993.

outros engenheiros e arquitetos, dentre eles George Krug, que também colaborava com Ramos de Azevedo.

Da Escola Politécnica para a *Fine Arts School*

Como aponta o arquiteto Gustavo Pereira, na dissertação de mestrado *Christiano Stockler das Neves e a formação do Curso de Arquitetura no Mackenzie College*, de 2005,

Tentando suprir essa carência, em 1907, Christiano submeteu-se a exames de admissão na Escola Politécnica [de São Paulo], onde obteve aprovação no curso, que tinha a duração de seis anos: três anos do curso fundamental e, três, com matérias específicas de arquitetura. No ano seguinte, após cursar algumas semanas, descontente com a metodologia de ensino e o conteúdo do curso, transferiu-se para os E.U.A.⁴

Uma pesquisa realizada no jornal *Correio Paulistano* nos forneceu a convocação de Christiano Stockler das Neves para a realização de provas visando sua admissão na Escola Politécnica de São Paulo, em 1907.⁵ Segundo aponta Maria Teresa de Stockler e Breia Szolnoki, Christiano das Neves estudou parte do ensino de segundo grau no Colégio São Bento e, parte, no Instituto Macedo Soares, na Avenida São Luiz, em São Paulo, onde aprendeu inglês e francês.⁶ O proprietário deste instituto era embaixador brasileiro nos Estados Unidos e povoou a mente de Neves de histórias e referências aos Estados Unidos, plantando-lhe o desejo de graduar-se na “Terra do Tio Sam”.

De fato, embora nunca tenhamos encontrado o prontuário de Christiano das Neves na Escola Politécnica, sabemos que ele chegou a cursar 1 ano do curso de engenheiros-arquitetos mantido por aquela instituição. Desistindo da formação no Brasil, embarcou, conforme nota encontrada no *Correio Paulistano*, em 26 de abril de 1909, para os Estados Unidos, para frequentar aulas na Crownwell University, de Nova York. A referida universidade, era, de fato, a Cornell University, localizada em Ithaca, no estado de Nova York. A partida de Neves para os “States” se deu em 29 de abril daquele ano.⁷

Szolnoki afirma que Christiano das Neves rumou para cidade de Syracuse, hospedando-se na casa de uma família americano-brasileira, a qual, contudo, não foi identificada pela autora. A proximidade desta cidade com a Cornell University, tradicional no ensino de arquitetura, e com fortes vínculos brasileiros, leva a supor, embora a autora não faça tal relação, que das Neves intentava matricular-se no curso de arquitetura daquela universidade.⁸ Registros da passagem de Neves pela Cornell

4 PEREIRA, op. cit, p.239.

5 CORREIO PAULISTANO, edição 14.898, 1907.

6 SZOLNOKI, Teresa de Stockler e Breia. **O ensino de arquitetura e Christiano Stockler das Neves**. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (orientação: Paulo Julio Valentino Bruna), 1995, p. 132.

7 CORREIO PAULISTANO, edição 16.420, 9, p. 8.

8 SZOLNOKI, op. cit, p. 133.

University, cujos alunos foram estudados por Atique,⁹ Bernardini¹⁰ e por Freitas¹¹ não foram localizados.

Em todo o caso, sabemos que em 23 de setembro de 1909 Christiano das Neves se matriculou oficialmente na University of Pennsylvania. Esta escola, fundada em 1740, mas que no século XIX alcançou fama e notoriedade,¹² possuía uma estratégia de ensino que talvez tenha seduzido Stockler das Neves: a existência de um curso de curta duração, denominado Special Course on Architecture, de apenas dois anos.¹³

Segundo sua ficha do aluno, ele foi admitido após exames de proficiência em Desenho à Mão Livre e de História da Arquitetura, ocorridos, ambos, em 01 de abril de 1910, um semestre após sua matrícula oficial, na Penn. O que causa estranheza é o fato de ele não ter apresentado certificação que o dispensasse de disciplinas cursadas na Politécnica, já que, pelos autores citados acima, ele a frequentou por cerca de um ano. Possivelmente, esses exames de proficiência foram aplicados em lugar do recebimento de seu histórico escolar da Politécnica, conforme costume da Penn.¹⁴

Na Penn, Christiano das Neves vivenciou o período de modificações nas aulas de *design* implementadas pelo arquiteto francês Paul Philippe Cret (1876-1945), que procurou adequar a formação tradicional da École de Beaux-Arts aos sistemas norte-americanos de educação e diplomação, sobretudo o que expedia certificados de proficiência na carreira, a cada dois anos, ao invés dos longos anos de estudo despendidos numa instituição francesa. Embora mais rápido e mais barato do que o curso de quatro anos, as horas necessárias para o cumprimento ideal desse curso eram muitas. Como a School of Architecture frisava em seu catálogo de disciplinas, “o estudo de desenho é então enfatizado, exigindo um dispêndio significativo de tempo ao longo do curso em seus temas preparatórios e adicionais”.¹⁵

As disciplinas cursadas por Christiano Stockler das Neves foram, no primeiro ano: *Elements of Architecture; Elements of Design – Grade I; Shades and Shadows; Perspective; Design – Grade II e III; Freehand Drawing; Architectural History (Ancient and Medieval); Historical Ornament; Water Color Drawing; Carpentry and Construction; Masonry and Iron and Physical Education*, perfazendo um total de 24 unidades de crédito. No segundo ano foram oferecidas as disciplinas de *Design – Grade III; Architectural History (Renaissance and Modern); Design – Grades IV e V; Free Handing*

9 ATIQUE, Fernando. **Arquitetando a “Boa Vizinhança”**: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, (1876-1945). (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, (orientação: Maria Lucia Caira Gitahy), 2007.

10 BERNARDINI, Sidney Piochi. **Construindo Infraestruturas, Planejando Territórios**: a Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Governo Estadual Paulista (1892-1926). (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, (orientação: Maria Lucia Caira Gitahy), 2008.

11 FREITAS, Marcos Vinícius de. **Contradições da Modernidade**: o jornal Aurora Brasileira (1873-1875). 1. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.

12 ATIQUE, Fernando. Os elos entre a University of Pennsylvania e a arquitetura do Brasil, através da trajetória profissional de George Henry Krug. **19&20**, Rio de Janeiro, v. IV, n. 1, jan. 2009. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/atique_krug.htm. Acessado em: 27 agosto 2015.

13 UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. **The Record of the Class of 1911**. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1911.

14 UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. University Archives, folder C.S. Das Neves.

15 UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. **Catalogue, 1910-1911**. Philadelphia: University Press, p.147.

Drawing; Graphic Statics; Masonry & Iron Construction; Carpentry; Hygiene, Heat and Ventilation; Plumbing and Draining; Water Color Rendering; History of Sculpture; Professional Practice; Special Lectures e Physical Education, o que perfazia, também, um total de 24 unidades de crédito.¹⁶

Analisando o material alusivo à Escola de Arquitetura, foi possível verificar que Paul Philippe Cret havia instaurado a prática de ateliê como condição basilar de ensino. Arquiteto diplomado pela École Nationale de Beaux-Arts de Lyon, na França, em 1901, e premiado com o *Grand-Prix de Paris* naquele mesmo ano, Cret permitiu ao curso da Universidade da Pensilvânia seguir a tendência estadunidense de afrancesamento de suas graduações em Arquitetura, processada desde meados da década de 1890.¹⁷ A chegada de Cret, em 1903, estava inscrita numa tendência de sofisticação dos métodos de ensino das academias norte-americanas de arte e arquitetura que saíram em busca de alunos egressos de escolas seguidoras do modelo *Beaux-Arts*, na França. Por força do prestígio que Paul Cret impingiu à formação *Beaux-Arts*, e, em igual medida, à sua própria pessoa como docente, seus alunos e colegas o “reverenciavam por seus talentos” e acatavam suas instruções com “entusiasmo”, conforme a dedicatória do livro de formandos de 1911.¹⁸

Tal reverência acontecia no Ateliê: o *locus* do nascimento da arquitetura. Elizabeth Grossman, analisando a carreira de Paul Cret, traçou um paralelismo entre Jean-Louis Pascal (1837-1920), “*patron*” de Cret em Paris, e os métodos de ensino deste, na Penn. Segundo esta autora, Paul Cret fazia o mesmo que seu mestre francês: aceitava o projeto gerado pelo aluno e o fazia nele trabalhar até alcançar o ideal de harmonia e escala.¹⁹

Com a chegada de Cret, o ensino assumiu uma postura mais próxima dos dogmas das Écoles francesas, mas não seguiu totalmente o método de ensino nelas empregado. Por força do pragmatismo norte-americano, a formação artística foi simplificada e aliada ao caráter técnico que dominava as formações em engenharia praticadas nas escolas norte-americanas, e de onde, não coincidentemente, a graduação da Penn havia saído há pouco.²⁰ Esta postura, por outro lado, colocava o *patron* Cret numa espécie de pedestal, pois corporificava o modelo de arquiteto que deveria ser perseguido por todos.

Os estudantes do *Special Course*, como Christiano das Neves, sentiam ainda mais o peso desta estratégia de ensino. O Ateliê era a oportunidade de aprender os conteúdos que nem sempre apareciam ancorados em livros.

Analisando uma das fotografias tomadas de um dos ateliês de ensino do curso de Arquitetura da Penn, em 1915, é possível apreender a importância de Cret. Seu

16 Idem, *ibidem*.

17 GROSSMAN, Elizabeth Greenwell. **The civic architecture of Paul Cret**. New York: Cambridge University Press, 1996, p. XV.

18 UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. **The Book of the Class of 1911**. Philadelphia: University Press.

19 GROSSMAN, *op. cit*, p. 8.

20 KOYL, George Simpson. In: Architectural Alumni Society. **Book of the School**. Department of Architecture, University of Pennsylvania, 1874-1934. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1934, p.10.



Figura 3 - Autor não identificado, *The drafting room for the Architectural Course of University of Pennsylvania*, 1915. Fotografia. Fonte: HUTCHINS, Amey A. **University of Pennsylvania**. Charleston; Chicago, Portsmouth; San Francisco: Arcadia, 2004, p.50.

índices. Um, é o porta lápis com a insígnia da Penn – a letra P em azul e vermelho – denotando o pertencimento que ele ostentaria vida afora. O outro, é uma edição do *American Vignola*, disposto como um “livro santo”, recostado, em lugar de destaque na escrivaninha em que trabalhos deveriam ser feitos nas horas de dedicação individual. Ainda podemos destacar o quadrinho em que se lê a célebre frase da lavra de Elbert Hubbard (1856 - 1915), influente nos meios *Arts and Crafts*, e com pendores socialistas: *Life is one damn thing after another* [a vida é uma coisa maldita atrás da outra]. O trabalho em ateliê não era fácil, e deveria principiar-se antes, no recôndito do mundo privado do estudante de arquitetura.

Este “moto” talvez explique porque não foram encontradas informações extracurriculares durante o período de estudos de Stokler das Neves, na Penn, como em muitos outros estudantes investigados para a pesquisa de doutoramento.²¹ Aparentemente, ele não se envolveu com nenhuma atividade extracurricular, como clubes ou associações musicais, dando a entender que permaneceu dedicado aos estudos, talvez para satisfazer às exigências de seu pai, que, *a priori*, não concordava com sua ida aos Estados Unidos em busca de diplomação.²²

Certificado em Arquitetura no dia 21 de junho de 1911 - pois, como Stockler das Neves não cursou o bacharelado em Arquitetura ele não colou grau -, o jovem

nome está inscrito na parede dos fundos, encimando uma lista com dois outros nomes de docentes. Os estudantes, trajando gravatas e seus aventais de trabalho, são ladeados por gravuras de edifícios célebres, alguns deles, da lavra do próprio Cret [Figura 3].

Outra imagem, do arquivo particular de Christiano das Neves, revela mais dimensões acerca do trabalho que um arquiteto em formação deveria experimentar [Figura 4]. A imagem que mostra o seu quarto privativo de dormir, na Universidade, revela, para além da genealogia e da força da tradição familiar, organizada nos retratos, outros

Figura 4 - Autor não identificado, *Dormitório de Christiano Stokler das Neves na University of Pennsylvania*, 1911. Fotografia. Fonte: NEVES NETO, Christiano Stokler das. **O Arquiteto Concreto**. São Paulo: Dialeto, 2008, p.11.



21 ATIQUÉ, op. cit.

22 SZOLNOKI, op. cit., p.131.

brasileiro excursionou pela Europa durante seis meses. Regressou a São Paulo em 1912.

A Volta e as “Revoltas”

De regresso, associou-se ao seu pai, dando origem ao escritório “Samuel A. das Neves – Engenheiro – e Christiano Stockler das Neves – Architecto.” [figura 5].

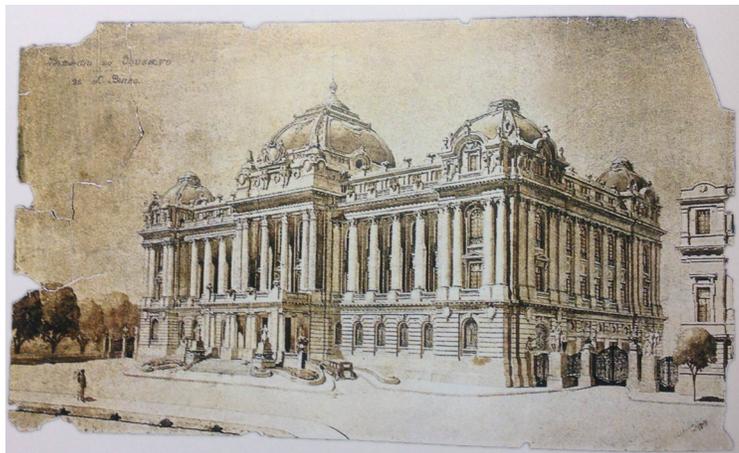
A dupla trabalhou junta por mais de 25 anos, edificando construções públicas e particulares e consolidando um nicho de mercado, aberto no final dos oitocentos por Samuel das Neves, na São Paulo que se industrializava. Como mostra Gustavo Pereira, a chegada Stockler das Neves

*ao escritório de Samuel das Neves, em 1912, acarretou uma alteração profunda em sua estrutura: o escritório assumiu o papel do moderno escritório de arquitetura e engenharia com mão de obra especializada de desenhistas e engenheiros que eram contratados como especialistas conforme a demanda de projetos. Analisando esse conjunto de desenhos dos escritórios, podemos constatar que, com [sua] chegada da Pensilvânia, a partir de 1912, a qualidade e a riqueza gráfica dos desenhos se aprimorou de forma radical.*²³

O mesmo autor, após analisar detidamente o acervo do escritório, arquivado na FAU-USP, conseguiu mapear duas fases, uma que vai da chegada de Stockler das Neves, em 1912, até 1940, na qual, segundo Pereira, o egresso da Penn projetava seguindo o que ele definiu de estilo [Figura 6]

*‘Luís XVI modernizado’, que era uma mistura de citações de elementos neoclássicos de origem francesa, adaptados e simplificados segundo a ótica pragmática norte-americana. Como primeiro a difundir tal estilo na construção civil paulistana, Christiano tentava forjar uma aura de modernidade, sofisticação e inovação, se comparado com as tendências então predominantes na cidade, ou seja, os estilos italianizantes dos capomastri.*²⁴

A segunda fase, para Pereira, ocorreu depois dos anos 1940, e foi marcada pelo



‘clássico modernizado’ – linguagem amplamente utilizada pelos arquitetos norte-americanos para projetar seus arranha-céus, mantendo as regras e proporções clássicas, mas com um razoável despojamento estilístico. Estas duas fases são as mesmas que se podem verificar na carreira de Paul



Figura 5 - Anúncio publicado no *Correio Paulitano*, 1916. Clichê, 5cm x 4cm. Fonte: *Correio Paulitano*, 7 de setembro de 1916, p.8.

Figura 6 - Christiano Stockler das Neves, *Nova Sede do Palácio do Governo de São Paulo*, Palácio Anchieta, 1827. Lápis e aquarela sobre papel. Fonte: NEVES NETO, Christiano Stockler das. *O Arquiteto Concreto*. São Paulo: Dialto, 2008, p.70.

23 PEREIRA, op. cit, p.252.

24 PEREIRA, op. cit, p.252-253.



Figura 7 - Paul Philippe Cret (1876-1945), *Biblioteca Central da University of Texas at Austin*, 1835. Fotografia. Fonte: http://www.cah.utexas.edu/db/dmr/image_lg.php?variable=di_04018 Acessado em 27 agosto 2015.

Philippe Cret, apenas atentando para o fato de que o professor francês de Stockler das Neves faleceu em 1936, o que o obrigou a antecipar a utilização deste ‘clássico modernizado’ para o final dos anos 1920. [Figura 7 e Figura 8].

Figura 8 - Paul Philippe Cret (1876-1945), *Catálogo da Exposição de Projetos de Paul Cret intitulada “Modern Classics,”* exibida no Athenaeum of Philadelphia, em 2006. Fonte: Reprodução de exemplar de acervo do autor.

Aliás, percebe-se mediante todo o material publicado por Christiano Stockler das Neves na imprensa brasileira, sobretudo nas páginas da revista *Architectura e Construções* - revista que se fazia anunciar como inspirada nas congêneres americanas - que Paul Cret era, para ele, uma espécie de messias, alguém de quem gostaria de ser próximo, e de alcançar elogios, como uma carta datada de 05 de dezembro de 1923, enviada ao Professor Warren P. Laird, seu antigo ‘dean’, demonstra, ao pedir que o seu antigo mestre enviasse uma resenha crítica acerca dos projetos que acabara de executar para duas estações de trem, uma em São Paulo e, outra, no Rio de Janeiro. Nela, Neves pede que Laird intercedesse pedindo a Cret este “favor”. Aliás, algo que comprova a maneira como Christiano das Neves via a sua antiga escola é esta carta, cujos trechos, estão a seguir:

De acordo com o que eu o escrevi tempos atrás, eu recebi uma encomenda do meu Governo para projetar as duas mais importantes estações de trem deste país, uma nesta cidade, e, a maior delas, para o Rio de Janeiro. Da estação de São Paulo eu mandei uma fotografia da elevação frontal e, agora, eu estou enviando um jogo completo de fotos da Grande Estação Central do Rio de Janeiro. [...] Eu apreciaria muito de ter a sua e a opinião do Professor Cret sobre este meu trabalho. Agora, eu peço um grande favor: caso o senhor veja que estes desenhos merecem ser publicados em qualquer importante revista americana de Arquitetura, eu solicito que interceda junto ao editor, por mim. [...] Como o senhor pode ver, meu trabalho foi feito seguindo esses maravilhosos planos dos grandes terminais de seu país, com as necessárias adaptações que me foram dadas. Agora, se os membros da Junta ferroviária e outros do Governo brasileiro virem meu trabalho publicado numa



Figura 9 - Christiano Stockler das Neves (1889-1982), *Estação Central do Brasil no Rio de Janeiro, 1927*. Lápis e aquarela sobre papel canson. Fonte: **Architectural Archives**, University of Pennsylvania. Reprodução do autor.

revista estrangeira, eles prestarão mais atenção. [...] Seria muito bom se o Professor Cret mandasse-me sua crítica escrita em francês. O senhor, por favor, o pediria a ele este favor? [tradução minha].²⁵ [Figura 9]

Anos depois, descontente com o cancelamento de sua obra para a Estação da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, e de seu afastamento das obras da Estação da Sorocabana, em São Paulo, Stockler das Neves aproveitou um contato efetuado por Warren Laird para, em resposta, explicitar seu desejo de ir trabalhar nos Estados Unidos:

*Como o senhor vê, é horrivelmente difícil ser um arquiteto aqui neste país, e eu penso que o mesmo ocorre em toda a América do Sul. [...] Se eu pudesse obter uma boa posição num escritório de Arquitetura nos “States” eu iria embora. Você pensa que lá [sic] haveria qualquer oportunidade para mim com algum dos seus amigos? Eu tenho 16 anos de experiência em importantes trabalhos [...] Eu tenho muita prática em construções em concreto armado também, e em construções gerais, além de sua superintendência, e em todo trabalho de escritório. Eu tenho 10 anos de experiência como professor de Arquitetura. Eu ministrei cursos em “Elements”, em consonância com seus métodos, e História, Construções e Design [Projeto]. [...] Eu não sou ambicioso. Eu apenas gostaria de uma posição que me desse um viver decente e, também, que me permitisse dar educação às minhas três crianças. Eu falo francês, italiano, espanhol, português e inglês, esta última, não tão bem quanto as outras línguas.*²⁶

Como referenciado na carta, Stockler das Neves foi o fundador do curso de arquitetura do Mackenzie College, em 1917, bem como o primeiro diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie, em 1947, ano em que foi criada. Partidário das concepções de beleza clássica e de que a “arquitetura não era ciência”, Stockler impregnou o curso do Mackenzie desses princípios, que eram plenamente aceitos pela sociedade e por seus pares naquelas décadas do século XX.

Os Ateliês de Christiano: de aluno a professor

Quero aproveitar-me de outro índice presente nesta carta, para mostrar algo muito importante, concernente à circulação dos métodos de ensino. Christiano das Neves, ao fundar o curso de Arquitetura do Mackenzie, valeu-se de sua experiência como estudante nos Estados Unidos. Um de seus antigos alunos, o arquiteto Miguel Forte,

25 UNIVERSITY ARCHIVES, LAIRD PAPERS. Carta de C.S. das Neves a W.P. Laird, 05 dez 1923.

26 UNIVERSITY ARCHIVES, LAIRD PAPERS. Carta de C.S. das Neves a W.P. Laird, 21 jun 1927.

descreveu como era a organização do ateliê no ano de 1934, em entrevista concedida a Mônica Junqueira de Camargo.

Naquela ocasião, o ateliê de arquitetura no Mackenzie era um único espaço, porque havia poucos alunos em cada ano. Em 1934, em média, nós éramos seis ou sete alunos por ano, e o curso era de seis anos e nós não podíamos levar o trabalho para casa. O Christiano das Neves nos obrigava a trabalhar na escola. [...] O Christiano era intransigente, ele não permitia que você pudesse ter idéias contemporâneas, que você pudesse gostar de arquitetura contemporânea. [...] Todos os temas que ele passava para os alunos deveriam ser desenvolvidos segundo suas idéias. E existia um grupo – Jacob Rutchi, Galiano Cimapaglia, Igor Sresnewsky e outros poucos – que, escondido do Christiano, estudava por conta própria os movimentos de arquitetura dessa época.²⁷



Uma fotografia de Christiano ministrando aulas neste ateliê revela grande semelhança, mais de vinte anos depois, com o que vimos na Penn. [Figura 10]. Estudantes engravatados, sendo orientados por Neves, com poucas referências textuais e projetos, alguns da lavra do professor nas paredes.

Figura 10 - Autoria desconhecida, *Ateliê para aulas do Curso de Arquitetura do Mackenzie*, c. 1950. Fotografia. Fonte: NEVES NETO, Christiano Stokler das. **O Arquiteto Concreto**. São Paulo: Dialetto, 2008, p. 28.

de Arquitetura do Mackenzie, em 1947, separada totalmente do curso de Engenharia Civil, o esquema ateliê de Stockler das Neves não se alterou. Carlos Lemos, em seu livro de memórias, revela:

Como a nova escola era parca de áreas disponíveis ao ensino, todos os alunos, novos e velhos ainda ligados à escola de engenharia, tinham suas pranchetas num mesmo salão, transformado em ateliê coletivo. Logo, logo, todos se irmanaram num só bloco coeso, defensor da modernidade, afrontando o diretor, ou o “dono” do curso, que, no entanto, não tinha poder nem autoridade suficiente para impedir que se projetasse dentro da contemporaneidade arquitetônica. [...] Vivíamos assim, uma situação esdrúxula: nossa prática nada tinha a ver com a teoria apregoada. Era uma escola ao contrário, não possuía biblioteca especializada e ali as revistas americanas de arquitetura moderna eram escondidas e folheadas somente quando Christiano se ausentava. [...] Christiano escolheu a dedo os professores para completar o quadro docente da nova escola; todos seus fiéis seguidores na linha de ensino, embora na vida profissional praticassem por necessidade os estilos da moda.²⁸

A maneira como se deu a fundação do curso de Arquitetura do Mackenzie College foi assim descrita por Neves, em depoimento recuperado por Szolnoki:

²⁷ Entrevista de Miguel Forte *apud* CAMARGO, Mônica Junqueira de. Prefácio. In: FORTE, Miguel. **Diário de um jovem arquiteto: minha viagem aos Estados Unidos em 1947**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2001, p.15.

²⁸ LEMOS, Carlos A. C. **Viagem pela carne**. São Paulo: EDUSP, 2005, p.137-138.

Verificando que a arquitetura em nosso país tinha um grande futuro, praticada então, por um número limitado de arquitetos, tivemos a ideia de fundar um curso de arquitetura nos moldes inigualáveis das universidades norte-americanas. [...] Efetivamente, sem visarmos qualquer interesse pecuniário, ocorreu-nos apresentar nossa ideia ao Mackenzie College, instituição livre e a única que estava em condições de aceitá-la, por adotar os mesmos métodos de ensino que fizeram a grandeza da terra do Tio Sam. [...] Fundador do curso de Arquitetura da Escola de Engenharia Mackenzie College, onde leciono desde 1917, tenho procurado conseguir um programa de estudos, tal que são estes ministrados na Universidade de Pennsylvania, cuja escola de arquitetura é a melhor organização que se conhece, incontestavelmente, para o ensino dessa bela arte. [...] Modelada pela École de Beaux-Arts, de Paris, a Universidade de Pennsylvania oferece a vantagem de uma melhor organização de ensino, aliado à riqueza de sua biblioteca e museu, o confortável espaço de suas magníficas salas para classes de desenhos, laboratórios, além da comodidade que uma rica instituição americana oferece ao estudante. [...] Orientado pelos seus ensinamentos adapto o mesmo sistema no Mackenzie, graças à benevolência e alto critério de um outro eminente educador, Dr. A. W. Waddell.²⁹

Pelos depoimentos de seus ex-alunos, pode-se perceber que o impacto do ateliê sobre a carreira de Christiano das Neves foi imenso. O rigor, a disciplina, e a ascendência do *patron*, do professor, eram, a seu ver, características irrefutáveis. Em sua concepção, apregoada em textos diversos, em órgãos de classe e em entrevistas concedidas, deixam descortinar que a arquitetura era quase que um sacerdócio, a ser cultivada num apostolado diário, em cima das pranchetas e com um orientador destacado.

Em 1947, o mesmo ano em que a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie foi criada, Christiano Stockler das Neves assumiu a Prefeitura de São Paulo por um curto período de tempo. Longo o suficiente, contudo, para que a Penn fosse informada e fizesse contatos com o seu egresso, para que remetesse material para uma publicação nas páginas do *Pennsylvania Gazette*, que estampou a foto de Neves e os dizeres:

proeminente em sua profissão, ele fundou o departamento de arquitetura do Mackenzie College, em 1917, e foi seu professor e diretor. Ele recebeu medalhas de ouro em 1927 e em 1930 nas Exposições Pan-Americanas de Arquitetura, como, também, um prêmio de honra ao mérito. Ele projetou inúmeros edifícios públicos e privados em sua própria cidade, como no Rio de Janeiro. Ele foi membro de inúmeras associações de classe e sociais, e é presidente honorário da Cruz Vermelha Brasileira.³⁰

Christiano Stockler das Neves foi figura singular, que atravessou o século XX lutando por uma crença que só permitia ser alterada se fosse para continuar a seguir os ensinamentos obtidos na América do Norte, segundo sua própria declaração.³¹

Premiado em diversos concursos públicos e em Exposições Pan-Americanas de Arquitetura, quer diretamente, quer por meio do Mackenzie College, instituição na qual chegou a ser vice-reitor, construiu uma carreira calcada na franqueza,

29 SZONOLKI, op., cit., p.198.

30 PENNSYLVANIA GAZETTE. Prominent Pennsylvanians – Mayor Christiano S. das Neves. Philadelphia: feb,1948, p. 21.

31 NEVES, Christiano Stockler das. Editorial. In: **Arquitetura e Construções**. São Paulo: n.13, 1930, p. 4.

demonstrada, muitas vezes, nas páginas da imprensa, por onde atacava as posturas que contradissem suas crenças.

Christiano Stockler das Neves faleceu em 1982, em São Paulo, deixando, contudo, um legado arquitetônico muito grande, mas que ainda necessita ser mais bem explorado, especialmente para que se reveja a conturbada imagem que, inegavelmente, deixou. É preciso, também, expor as doses certas de sua simpatia pela arquitetura da França e pelos Estados Unidos, já que, na maioria dos (parcos) estudos a abordar sua fortuna crítica, a Europa se encontra hiperdimensionada, e, conseqüentemente, a “Terra de Tio Sam” desconsiderada.